

Pedro Alves¹
Neide Tiemi Murofuse²

**NOVAS TECNOLOGIAS E
GERAÇÃO DE (DES)EMPREGO**

RESUMO: Com a finalidade de refletir sobre a relação entre a introdução de novas tecnologias e a possibilidade de geração de (des)emprego causada pela automação, tomamos como exemplo o caso do sistema bancário brasileiro. Trata-se de um estudo bibliográfico em que se evidenciou que a tecnologia, sozinha, não pode ser responsabilizada pelo desemprego. Ainda que ela seja a responsável pela modernização tecnológica do sistema financeiro nacional com conseqüente redução dos postos de trabalho, a questão do desemprego atinge uma esfera maior, abrangendo outras dimensões estruturais, expondo a crise do capital.

PALAVRAS-CHAVE: modernização tecnológica; bancos; desemprego.

SUMMARY: The intention of this article is to reflect about the relationship between the introduction of new technologies and the possibility of generating (un)employment, caused by automation. As an example, we cite the case of the Brazilian banking system. This is a bibliographic study, which substantiates that technology alone cannot be responsible for unemployment. Despite the fact that it can be responsible for the technological modernization of the national financial system, resulting in the reduction of work positions, the unemployment question reaches a bigger context and other structural dimensions, thus exposing the monetary crisis.

KEYWORDS: modernization technological; banks; unemployment.

Data de recebimento: 06/05/03. Data de aceite para publicação: 26/04/04

¹ Aluno regular do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Toledo. Professor da Rede Pública de Ensino de Cascavel, da Faculdade de Cascavel (Fadec) e da União Pan-Americana de Ensino de Cascavel (Unipan). Endereço eletrônico: pealves@ibest.com.br.

² Enfermeira. Professora Assistente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, vive-se num mundo em que as transformações ocorrem de maneira muito intensa e rápida, que acabam repercutindo na vida social dos homens. O mundo do trabalho tem sofrido transformações importantes nos últimos anos, em escala global. Ainda que não exista homogeneidade nas transformações processadas no mundo do trabalho nos diferentes países, são observadas algumas tendências gerais, tais como: a introdução da microeletrônica, da robótica e da informática nos processos produtivos como estratégias para obter o aumento da produtividade, frente ao mercado cada vez mais competitivo.

O processo de reestruturação produtiva, nos últimos anos, tem sido abordado de distintas formas na literatura. Enquanto alguns anunciam suas virtudes, outros, por sua vez, denunciam suas mazelas. Fala-se no advento de novos padrões produtivos, com a introdução das inovações tecnológicas e organizacionais. Registra-se a mudança no mercado de trabalho, com diminuição do número de trabalhadores em trabalho formal e eliminação dos postos de trabalho, acarretando a precarização do trabalho. Contudo, a existência da relação entre a modernização tecnológica e o desemprego ainda não foi satisfatoriamente esclarecida.

As mudanças no sistema financeiro brasileiro foram evidentes com a introdução de novas tecnologias e a automação bancária, sendo que resultaram em modificações no processo de trabalho dos bancários, diversificação dos serviços oferecidos pelos bancos, aumento do número de equipamentos de auto-atendimento e a diminuição do número de bancários. Assim, aparentemente, o desemprego bancário estaria relacionado à introdução das novas tecnologias.

Entretanto, o desemprego não se restringe a esse grupo de trabalhadores, porquanto hoje atinge uma proporção considerável da população brasileira e causa muito sofrimento. Com o intuito de compreender melhor a questão do desemprego e a sua relação com as novas tecnologias introduzidas no mundo do trabalho capitalista, realizou-se o presente estudo bibliográfico, com o objetivo de verificar a contribuição da tecnologia para o desemprego dos trabalhadores e investigar os fatores responsáveis pela eliminação dos trabalhadores do mercado de trabalho.

Nesse sentido, foi realizada uma análise do tema com base nas reflexões de Jorge Eduardo Mattoso, Márcio Pochmann, Paul Singer

e Ricardo Antunes, que são autores que discutem a questão do desemprego em nível mais amplo no Brasil. Entre aqueles que abordaram a temática específica do trabalho no setor bancário, foram selecionados os estudos desenvolvidos por Gilberto Dupas, Nise Jinkings e Liliana Rolfsen Petrilli Segnini.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade do trabalho vem sofrendo historicamente transformações da primeira à terceira revolução industrial, sendo que a primeira revolução industrial e tecnológica, no final do século XVIII e início do XIX, foi um momento importante de profundas transformações na história do trabalho e do próprio capitalismo, manifestadas através da invenção da máquina. No final do século XIX e início do XX, temos o período da chamada segunda revolução industrial e tecnológica, com profundas transformações no conhecimento, novos descobrimentos, surgimento da energia elétrica, indústria automobilística, indústria química. É o momento do surgimento da grande empresa capitalista. Hoje, vive-se uma fase de profundas transformações, a chamada terceira revolução industrial e tecnológica, transformações essas do ponto de vista econômico, social, político e tecnológico. “Há sinais tanto no que diz respeito a inovações positivas com relação ao trabalho, como sinais também de regressão social” (Pochmann, 1999, p. 14-15).

Tendo em vista o objetivo estabelecido no presente artigo, a ênfase recairá sobre o segundo elemento, o de regressão social, causado pela ausência de emprego para todos, evidentemente por ser o aspecto que mais preocupação acarreta, por atingir a maioria da população. A questão da tecnologia e sua relação com o desemprego é

(...) um outro ponto para o qual é importante chamarmos a atenção, quando se trata de pensar as transformações do trabalho, está associado ao que os autores chamam de “uma sociedade tecnologicamente mais avançada”, com capacidade de produzir mais com menos pessoas, reduzindo, desta forma, o trabalho penoso (Pochmann, 1999, p. 17).

Acredita-se, ao interpretar a afirmação desse autor, que uma “sociedade tecnologicamente mais avançada” realmente produz e irá produzir sempre mais, além de ser uma afirmação do capitalismo, que, na medida em que aumenta a produtividade, reduz o número de trabalhadores para aumentar seu lucro. Porém, o que não é levado em

conta pelo capitalismo é justamente o aspecto humano, ou seja, quanto mais avançada tecnologicamente for uma sociedade, maior torna-se a desqualificação do trabalhador para o acesso ao uso da tecnologia. Nesse sentido, entende-se que o desemprego é real, ou possível no meio tecnológico. Acrescente-se ainda o fato de que, na sociedade do trabalho, do aumento da produtividade e da redução do número de trabalhadores depende o emprego, visto que o nível de emprego depende “do comportamento global da economia” (Pochmann, 1998, p. 231).

O desemprego não se apresenta sob um aspecto apenas — ele é muito amplo. São identificadas três formas de desemprego: o *estrutural*, que em geral decorre do baixo e prolongado dinamismo econômico; o *conjuntural*, que está muitas vezes associado às flutuações do nível de atividade econômica, e o *disfarçado*, quando o trabalhador não consegue vaga no mercado formal e “passa a exercer atividades temporárias, sem amparo da legislação trabalhista e em condições precárias” (Pochmann, 1998, p. 231).

Nas três formas de desemprego — estrutural, conjuntural e disfarçado — o trabalhador passa por situações difíceis, podendo chegar ao subemprego, onde o mesmo enfrentará a precarização das relações de trabalho. Isto está mais evidente no emprego disfarçado, a partir do que o próprio autor aponta, quando se refere à dificuldade que encontra o trabalhador em conseguir emprego formal.

As profundas transformações no mundo do trabalho, manifestadas através da invenção da máquina, do ponto de vista tecnológico — apontadas por Márcio Pochmann partindo do referencial das transformações provocadas pelas revoluções industriais — são analisadas também por Paul Singer. Este autor afirma que o futuro do trabalho reflete, do ponto de vista social, uma situação desesperadora, com suas conseqüências recaindo sobre o trabalhador, que tem de se adequar às exigências do mercado para não ser excluído do trabalho.

Todas as revoluções industriais acarretaram acentuado aumento da produtividade do trabalho e, em conseqüência, causaram desemprego tecnológico. Os deslocamentos foram grandes, milhões de trabalhadores perderam suas qualificações à medida que máquinas e aparelhos permitiram obter, com menores custos, os resultados produtivos que antes exigiam a intervenção direta da mão humana (Singer, 1998, p. 16).

Podemos ver proximidades entre as discussões de Paul Singer, quando este evidencia o desemprego tecnológico causado principalmente pela terceira revolução industrial, e Márcio Pochmann, quando relata as transformações ocorridas no mundo do trabalho desde

a primeira até a terceira revolução industrial. Ambos os autores demonstram preocupação com a crescente transferência de atividades antes manuais para o uso do computador.

A denominada terceira revolução industrial, sob diversos aspectos, difere das anteriores. Porém, uma das maiores conseqüências recai sobre a força de trabalho humana, visto que a máquina vem substituir o homem, ou reduzir o número de trabalhadores que efetuam trabalhos manuais:

Além da substituição do trabalho humano pelo computador, parece provável a crescente transferência de uma série de operações das mãos de funcionários que atendem o público para o próprio usuário. É a difusão do auto-serviço facilitado pelo emprego universal do microcomputador (Singer, 1998, p. 17).

Diante da assustadora e crescente transferência de atividades exercidas até então pelas mãos dos trabalhadores para serem executadas, por exemplo, por equipamentos de automação, constata-se que se torna cada vez maior o número de desempregados. Isto remete à questão de quem irá trabalhar no futuro. Assim, nesse ponto de vista,

(...) o emprego estável só será assegurado a um núcleo de trabalhadores de difícil substituição em função de suas qualificações, de suas experiências e de suas responsabilidades. Ao redor deste núcleo estável gravitará um núcleo variável de trabalhadores periféricos, engajados por um prazo limitado, pouco qualificados e, portanto, substituíveis (Singer, 1998, p. 25-26).

Como a linguagem usada pelo autor está voltada para a tecnologia, por emprego estável entenda-se a vaga ocupada por um trabalhador que conseguiu qualificação para operar a máquina, diferentemente do emprego instável, o que se entende como o trabalhador desprovido de acesso à qualificação, conseqüentemente, tornando-se um desempregado em potencial.

De acordo com Paul Singer, se o emprego já está precarizado, em maior nível de crise se encontra o “ponderável exército de reserva”. Isto porque “a precarização do trabalho inclui tanto a exclusão de uma crescente massa de trabalhadores do gozo de seus direitos legais como a consolidação de um ponderável exército de reserva e o agravamento de suas condições” (Singer, 1998, p. 29). O autor faz ainda uma observação apresentando uma relação entre mudança tecnológica e desemprego tecnológico:

Há um problema de mudança tecnológica, é a terceira revolução industrial, a revolução industrial da digitalização, da computação, da biotecnologia, da engenharia genética. É uma revolução industrial enviesada para produzir desemprego tecnológico (Singer, 1999, p. 36).

Na fase de transição do século XX para o século XXI, várias mutações fundamentais vêm ocorrendo como resposta do capital à sua crise estrutural.

A classe trabalhadora, os “trabalhadores do mundo na virada do século”, é mais explorada, mais fragmentada, mais heterogênea, mais complexificada, também no que se refere a sua atividade produtiva: é um operário ou uma operária trabalhando em média com quatro, com cinco, ou mais máquinas. Os trabalhadores são desprovidos de direito, o seu trabalho é *desprovido de sentido*, em conformidade com o caráter destrutivo do capital, pelo qual relações metabólicas sob controle do capital, não só degradam a natureza, levando o mundo à beira da catástrofe ambiental, como também precarizam a força humana que trabalha, desempregando ou subempregando-a, além de intensificar os níveis de exploração (Antunes, 1999, p. 205).

Para Ricardo Antunes, as transformações no processo produtivo intensificadas pelo avanço tecnológico foram uma tentativa de responder à crise do capital ocorrida a partir da década de 1970. Destacam-se, assim, como conseqüências dessas transformações, a “enorme expansão dos assalariados médios, especialmente no ‘setor de serviços’, que inicialmente aumentou em ampla escala, mas, vem presenciando também níveis de desemprego tecnológico (...) e um processo de desemprego estrutural que, junto com o trabalho precarizado, atinge cerca de 1 bilhão de trabalhadores, o que corresponde a aproximadamente um terço da força humana mundial que trabalha” (Antunes, 1999, p. 190-191).

Sobre desenvolvimento e sacrifício da mão-de-obra humana de trabalho, o autor aponta que “ao mesmo tempo em que o desenvolvimento tecnológico pode provocar ‘diretamente um crescimento da capacidade humana’, pode também ‘nesse processo, sacrificar os indivíduos (e até mesmo classes inteiras)’” (Antunes, 1999, p. 193).

Há aqui uma analogia entre Ricardo Antunes e Márcio Pochmann. O primeiro autor fala do desemprego estrutural, referindo-se à enorme massa de trabalhadores a aumentar o exército de reserva, em expansão. Nesse sentido, Márcio Pochmann contribui quando afirma que o desemprego estrutural “decorre em geral do baixo e prolongado dinamismo econômico” (Pochmann, 1998, p. 231). Nessa

direção, não se pode apontar a tecnologia como única responsável pelo desemprego, mas trata-se de um fenômeno que abrange outras dimensões estruturais. Há, no entanto, outras conseqüências importantes que são decorrentes da revolução tecnológica:

Paralelamente à redução quantitativa do operariado tradicional, dá-se uma alteração qualitativa na forma de ser do trabalho. A redução da dimensão variável do capital, em decorrência do crescimento da sua dimensão constante – ou, em outras palavras, a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto (Antunes, 1999, p. 212).

Na atualidade consegue-se produzir muito mais, num menor tempo, com um número reduzido de trabalhadores. As novas formas de gestão implantadas, “flexíveis e participativas”, vieram propiciar ainda mais a transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada e automatizada.

Assim, além da intensificação do trabalho, as relações também se precarizaram, de modo que o trabalhador encontra-se numa situação difícil, mas que nem tudo depende única e exclusivamente dele, ou seja, “criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador *‘polivalente e multifuncional’*, capaz de operar máquinas com controle numérico; de outro, uma massa precarizada, sem qualificação, que hoje é atingida pelo desemprego estrutural” (Antunes, 1999, p. 191).

Com as mudanças impostas pelo próprio capital, alterações são percebidas na preparação do trabalhador que o capitalismo exige. O discurso predominante é de que o capital necessita de uma “força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico” (Antunes, 1999, p. 220). Entretanto, o que ocorre na realidade é mais uma atribuição ao próprio trabalhador da responsabilidade sobre sua capacidade de tornar-se empregável ou não, desviando assim o foco central da questão do desemprego.

Desse modo, o quadro geral do emprego no Brasil não se encontra nada satisfatório. “Levando-se em consideração os indicadores de desemprego, a década de 90 destacou-se por registrar a mais grave crise do emprego na história brasileira” (Mattoso, 2000, p.11). Com base no parecer desse autor sobre a situação brasileira dos últimos anos, pode-se inferir a existência de um desequilíbrio, entre a produção e o consumo, na sociedade capitalista.

Além do desemprego historicamente sem paralelo, o mercado de trabalho brasileiro enfrentou uma redução de empregos formais e,

conseqüentemente, uma profunda informalização das condições e relações de trabalho, em um processo de precarização e terceirização cada dia mais crescente. Torna-se patente a desestruturação das condições de trabalho-emprego, com o trabalhador cada vez mais distante da “rede de proteção social”. Muitas vezes, o ex-empregado não consegue mais ser recolocado no emprego formal e é empurrado para a informalidade. “Em uma economia incapaz de manter e gerar novos empregos, a informalidade é uma estratégia para garantir a sobrevivência” (Mattoso, 2000, p.11).

Corroborando com a temática da diminuição das oportunidades de trabalho por conta da introdução de novas tecnologias no sistema financeiro, tem-se o caso dos bancos. Com a tecnicização e racionalização do trabalho houve um monumental aumento da produtividade e dos lucros bancários. Nise Jinkings afirma que o sistema de auto-atendimento e a generalização do uso de cartões magnéticos “repercutiram profundamente no trabalho bancário, reduzindo o movimento de clientes no interior das agências, extinguindo postos de trabalho e criando outros” (Jinkings, 1995, p. 61).

Com a articulação das agências através dos processos *on-line* e dos sistemas de *home banking*, que conectam o cliente e o banco, criou-se a ilusão nos “consumidores” de que ele estaria interagindo com o banco, mas o que ocorre é que freqüentemente sem saber ele está contribuindo para o enxugamento, precarização e desemprego. Além de contribuir, sem receber nenhuma remuneração, para que “(...) o dinheiro financeiro crie mais dinheiro, desempregando trabalhadores. E ao executar este trabalho bancário transferido, contribuíram para que o número de bancários no país caísse de aproximadamente 800 mil, no final dos anos 1980, para menos de 400 mil em fins de 1990. Mais desemprego para milhares de homens e mulheres” (Jinkings, 2002, p.14).

Dentre as atividades dos trabalhadores bancários, uma das funções mais atingidas é a do caixa, substituída cotidianamente pelo computador. A automação não significou melhores condições de trabalho para os bancários. As transformações tecnológicas, acopladas às modalidades contemporâneas de organização e controle do trabalho, intensificam e tensionam os ritmos de trabalho nos bancos, produzindo novos problemas de saúde e contribuindo para o aumento de níveis de desemprego e subemprego no setor (Jinkings, 1998). Lilians Segnini afirma que as transformações no setor bancário não devem ser

atribuídas apenas à tecnologia; o problema é amplo e depende de outros fatores, em que “as mudanças referentes à *organização do trabalho* no interior dos bancos estão ligadas a questões econômicas, políticas e sociais, e não simplesmente decorrentes de aspectos tecnológicos” (Segnini 1999, p. 191).

Além dos autores mencionados anteriormente, outro pesquisador que analisa as intensas modificações socioeconômicas relacionadas ao processo de internacionalização da economia mundial a partir de meados da década de 1970 é Gilberto Dupas. Segundo ele, as tecnologias da informação têm grande responsabilidade nesse processo:

A revolução tecnológica atingiu igualmente o mercado financeiro mundial, cada mercado passando a funcionar em linha com todos os outros, em tempo real. Isso permitiu a mobilidade de capital requerida pelo movimento de globalização da produção. Essas modificações radicais atingiram o modo de vida de boa parte dos cidadãos, alterando seu comportamento, seus empregos, suas atividades rotineiras de trabalho e seu relacionamento, por exemplo, com bancos e supermercados (Dupas, 1999, p. 39).

No entanto, além de Nise Segnini e Gilberto Dupas, Márcio Pochmann também minimiza a culpabilidade da tecnologia sobre o desemprego ao afirmar que o desemprego “decorre do baixo e prolongado dinamismo econômico” (Pochmann, 1998, p. 231). Percebe-se, assim, que estes três autores estão retirando o peso da responsabilidade sobre o desemprego que, geralmente, recai sobre a tecnologia e atribuem a mesma a questões econômicas, políticas e sociais, e não simplesmente a fatores decorrentes de aspectos tecnológicos.

Inúmeros fatores vêm sendo decisivos na eliminação gradativa dos postos de trabalho humano no setor bancário, como questões econômicas, políticas e sociais, além de tecnológicas (cf. Segnini, 1999). Esse fato tende a se intensificar ainda mais. Percebe-se, assim, que o caixa bancário se apresenta com maior vulnerabilidade — em função das tecnologias de auto-atendimento —, ao ser constatada sua substituição “cotidianamente pelo computador” (Jinkings, 1995, p. 61).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da presente reflexão, verificou-se que todos os autores citados contribuem de alguma forma quando fazem suas ponderações sobre a problemática do desemprego no Brasil: Márcio

Pochmann (1998;1999), quando se refere às revoluções industriais e ao desemprego possível no meio tecnológico; Paul Singer (1998;1999), quando fala do auto-atendimento e da terceira revolução industrial, enviesada para produzir desemprego tecnológico e a expansão do trabalho informal; Ricardo Antunes (1999), falando da propensão à informalidade, do trabalho precário, temporário, da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto; Jorge Mattoso (2000), evidenciando a redução de empregos formais no Brasil e a informalidade como estratégia para garantir a sobrevivência. Do mesmo modo, corroboram os autores que tratam especificamente do setor bancário, tais como Nise Jinkings (1995,1998, 2002), preocupada com a extinção do caixa bancário e sua substituição pelo computador; Liliana Segnini (1999) com sua inquietação em relação ao comprometimento do caixa bancário. Liliana Segnini (1999), juntamente com Gilberto Dupas (1999), apontam para algumas idéias relevantes sobre o tema ao observar que a tecnologia não deve ser responsabilizada unicamente pelo desemprego. Este teria uma dimensão muito maior, de ordem estrutural, relacionada ao modo de produção capitalista.

Considera-se, assim, que a tecnologia, sozinha, não pode ser responsabilizada pelo desemprego. Ela pode ser responsável do ponto de vista das evoluções que acarretaram na modernização tecnológica, como resposta às crises estruturais do capital. Desta maneira, a questão do desemprego precisa ser analisada numa esfera maior, contemplando todas as dimensões de ordem estrutural, não só a dimensão tecnológica. No entanto, o que preocupa é que, “tecnologicamente” ou “estruturalmente” falando, o desemprego é uma tônica, está aí e aparentemente não há como evitá-lo no modo de produção vigente. Os autores consultados apontam para a exclusão dos trabalhadores no mundo do trabalho e a intensificação do ritmo de trabalho e a precarização para aqueles que conseguem se manter no emprego, por conta das transformações nas relações de trabalho. Com a crescente crise econômica nacional e mundial, as condições de vida tornam-se gradativamente mais difíceis até para quem está trabalhando, quanto mais para aqueles que estão desempregados.

E se, no final do século XX, já se sofre com a morte definitiva do pleno emprego, o novo milênio inicia-se sem a promessa do mesmo. Inicia-se assim um novo tempo histórico com os mesmos problemas do final do século passado: por um lado desemprego, subemprego, precarização, exclusão social; por outro, busca, adaptação, readaptação. Para onde irá o mundo do trabalho? Quais são as conseqüências futuras

que poderão decorrer de uma sociedade em que se aceita que uma maioria fique à margem do trabalho formal? São preocupações como estas que deverão ser assumidas por uma parcela significativa da sociedade, na busca de sua superação como forma de garantir uma sociedade mais justa, igualitária e solidária entre todos os seres humanos. Caso contrário, a convivência com medo, inclusive de nossos próprios semelhantes, será uma constante em função da escalada da violência.

4. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- DUPAS, Gilberto. *Economia global e exclusão social*: pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- JINKINGS, Nise. *O mister de fazer dinheiro*: automatização e subjetividade no trabalho bancário. São Paulo: Boitempo, 1995.
- . “Trabalho dos bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro”. *Revista Práxis*, Belo Horizonte: Projeto Joaquim de Oliveira, ano V, n. 11, p. 17-36, jul/out. 1998.
- . *Trabalho e resistência na “fonte misteriosa”*: os bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- MATTOSO, Jorge Eduardo. “Desemprego, a pior década do século XX”. *Jornal Mundo Jovem*. Ano XXXVIII, n. 306, Porto Alegre: Editora da PUCRS, p.11, maio de 2000.
- POCHMANN, Márcio. “Desemprego e políticas de emprego: tendências internacionais e o Brasil”. *Economia & trabalho*: textos básicos. Campinas, IE - UNICAMP, v.1, p. 219-234, 1998.
- . “O mundo do trabalho em mudança”. In: NABUCO, Maria Regina; NETO, Antônio Carvalho. *Relações de trabalho contemporâneas*. Belo Horizonte: PUC-Minas - IRT, 1999, p.13-30.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. “Reestruturação dos bancos no Brasil: Desemprego, subcontratação e intensificação do trabalho”. *Educação & Sociedade*. Ano XX, n. 67, p. 183-209, ago. 1999.
- SINGER, Paul. “A crise das relações de trabalho”. In: NABUCO, Maria Regina; NETO, Antônio Carvalho. *Relações de trabalho contemporâneas*. Belo Horizonte: PUC-Minas - IRT, 1999, p. 31-45.
- . *Globalização e desemprego*: diagnóstico e alternativas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

Unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
— www.unioeste.br —
REVISTA VARIA SCIENTIA
Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber

V A R I A
S C I E N T I A